

# Macabéa

ISSN 2316-1663

Revista Eletrônica do Netli, Volume 8, Número 2, Jul.-Dez., 2019

## O LÉXICO NA BAHIA E A VARIAÇÃO NO TEMPO



## THE LEXICON IN BAHIA AND VARIATION IN TIME

Marcela Moura Torres Paim  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Brasil

[RESUMO](#) | [INDEXAÇÃO](#) | [TEXTO](#) | [REFERÊNCIAS](#) | [CITAR ESTE ARTIGO](#) | [O AUTOR](#)  
RECEBIDO EM 26/02/2019 • APROVADO EM 02/06/2019

---

### Abstract

---

The article addresses some aspects of the history of Dialectology in Brazil. To illustrate what has been done in this field of linguistic studies, it examines a sample of the lexicon of Brazilian Portuguese in a diachronic perspective. Based on the reality of the state of Bahia and based on data from the *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI, 1963) and the corpus of the Linguistic Atlas of Brazil Project, the paper describes the reality of the said state. This study indicates, describing them, coincidences and divergences and indicates the possible variation in time.

---

### Resumo

---

O artigo aborda um pouco da história da Dialetologia no Brasil, o que se estuda nessa área e seus desafios. No intuito de ilustrar o que tem sido feito nesse ramo dos estudos linguísticos, examina uma amostra do léxico do português brasileiro numa perspectiva diacrônica. Fundamentado na realidade do estado da Bahia e com base em dados do *Atlas*

*Prévio do Falares Baianos* (ROSSI, 1963) e do *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil, o trabalho descreve a realidade areal do referido estado. Esse estudo aponta, descrevendo-as, as coincidências e divergências e assinala a possível variação no tempo.

---

## Entradas para indexação

---

**KEYWORDS:** Linguistic atlas. Lexicon. Diatopia. Diacronia.

**PALAVRAS CHAVE:** Atlas linguísticos. Léxico. Diatopia. Diacronia.

---

## Texto integral

---

A proposta deste artigo é apresentar um pouco da história da Dialetoologia no Brasil, mostrando o que se estuda nessa área e seus desafios, assim como abordar uma amostra da realidade lexical do português brasileiro em duas sincronias, com vistas a apontar características que marcam as diferenças e as coincidências no tempo e assinalam possíveis mudanças no período considerado.

Para esse confronto, considera-se o estado da Bahia em duas sincronias que se fixam na segunda metade do século XX, com os registros do *Atlas Prévio dos Falares Baianos* – APFB (1963), considerados como sincronia 1, e nos começos do século XXI, com os dados do *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), para a segunda, identificados como sincronia 2.

## UM POUCO DA HISTÓRIA DA DIALETOLOGIA NO BRASIL

A língua portuguesa no Brasil cuja implantação, na América, data do século XVI, atinge cinco séculos de uso. O curso do tempo, as mudanças sociais operadas na sociedade, o perfil dos contatos com outras línguas, a distribuição demográfica do País e a sua própria constituição, a natureza do desenvolvimento implantado e implementado, a estrutura social e o confronto cidade-campo, rural-urbano são aspectos da história do Brasil que têm ampla repercussão na língua majoritariamente falada no território brasileiro.

A compreensão da significância de cada um desses aspectos fundamenta o reconhecimento e a definição dos problemas a serem abordados nos estudos da língua portuguesa falada no Brasil.

A unidade da língua de um país continental — muitos Estados ultrapassam a dimensão de países europeus, por exemplo —, oferece o Brasil uma significativa e até mesmo surpreendente, para muitos, unidade linguística. Identificar, descrever e caracterizar as bases dessa unidade é uma primeira questão que se põe.

Nesse sentido, é a Dialetoologia, conforme expõe Cardoso (2010, p. 15), o ramo dos estudos linguísticos que busca, prioritariamente, estabelecer relações entre modalidades de uso de uma língua ou de várias línguas, seja pela identificação dos mesmos fatos, seja pelo confronto presença/ausência de fenômenos considerados em diferentes áreas. Assim, os estudos dialetológicos contribuem para a

delimitação dos espaços e para o reconhecimento de áreas dialetais, contribuindo para uma visão de dialeto desprovida de estigmatização, excluindo os juízos de valores que envolvem os julgamentos de “certo”, “errado”, “feio” e “bonito” que os falantes equivocadamente podem atribuir à língua.

Consagrado pela frase tantas vezes repetida, “possuidor da *unidade na diversidade*”, o português brasileiro consegue, de maneira inequívoca, manter a sua unidade sistêmica no conjunto de possibilidades de usos que se documentam no território nacional. Identificar a variação linguística, descrevê-la, dimensionar a repercussão social de cada uma delas apresenta-se como uma questão para a qual ainda não se formularam as respostas devidas, nada obstante o esforço que vem sendo desenvolvido por pesquisadores da área, constituindo-se, assim, em questão pendente de resolução.

Muitos pesquisadores têm se dedicado aos estudos das implicações políticas, sociais e institucionais da língua majoritariamente falada, a língua portuguesa. Ao se voltar para a questão, buscam fornecer dados que permitam equacionar os problemas decorrentes de tal inter-relação e apontar caminhos que contribuam para a sua solução.

O interesse pelos estudos dialetais, no Brasil, presente entre os filólogos e linguistas da primeira metade do século XX, sensibilizou o Governo Brasileiro, levando-o a se manifestar favorável à realização de um atlas linguístico do Brasil, como expresso no Decreto nº 30.643 de 20 de março de 1952 que, assim, reza no seu §3º:

A Comissão de Filologia promoverá pesquisas em todo o vasto campo de filologia portuguesa-fonologia, morfológicas, sintáticas, léxicas, etimológicas, métricas, onomatológicas, dialetológicas bibliográficas, históricas, literárias, problemas de texto, de fontes, de Autoria, de influências, sendo sua finalidade principal a elaboração do Atlas Linguístico do Brasil.

Razões de variada ordem impediram a realização desse desejo dos linguistas brasileiros, nada obstante a determinação governamental. Assim, os estudiosos enveredaram, primeiramente, na produção de atlas linguísticos regionais brasileiros, no sentido de amadurecer a metodologia da pesquisa dialetal para posteriormente realizar um empreendimento de âmbito nacional.

Assim, surgiram os primeiros atlas linguísticos regionais brasileiros – o *Atlas prévio dos falares baianos* (1963), o *Esboço de um atlas lingüístico de Minas Gerais* (1977), o *Atlas lingüístico da Paraíba* (1984), o *Atlas lingüístico de Sergipe* (1987), o *Atlas lingüístico do Paraná* (1994) – antes da retomada da ideia de se elaborar o atlas linguístico do Brasil, em 1996<sup>1</sup>.

Concebe-se, para a concretização do desiderato, o Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB), cujas bases se lançam no Seminário *Caminhos e Perspectivas para a Geolingüística no Brasil*, na Universidade Federal da Bahia, em 1996, que contou com a participação de representativo número de pesquisadores brasileiros da área e com a presença do Prof. Dr. Michel Contini, do *Centre de Dialectologie de Grenoble*, Diretor do *Atlas Linguistique Roman* e membro do Comitê Diretor do *Atlas Linguarum Europae*. Nesse evento, decidiu-se que o Projeto ALiB seria

coordenado por um Comitê Nacional, constituído de uma Diretora-Presidente – Suzana Alice Marcelino da Silva Cardoso (Universidade Federal da Bahia), de uma Diretora Executiva – Jacyra Andrade Mota (Universidade Federal da Bahia) e de Diretores Científicos, autores dos atlas linguísticos regionais publicados no Brasil<sup>2</sup>.

O Projeto ALiB, na sua essência um projeto linguístico porque busca documentar, descrever e interpretar a realidade do português brasileiro, tem, exatamente por esse caráter, uma evidente interface com diferentes ramos do conhecimento organizado, decorrente do fato de que a história de uma língua é a história do próprio povo que a fala.

Esse caráter de que se reveste o Projeto ALiB tem duas evidentes implicações: por um lado, inspira e fundamenta a sua concepção na pluralidade do conhecimento; por outro, permite que, dos resultados que venha a oferecer, se beneficie amplo espectro das ciências na atualidade.

No que se refere ao primeiro dos aspectos, a concepção do projeto conduziu a que se recorresse a diferentes campos do conhecimento. A definição da rede de pontos para levantamento de dados requereu aprofundado conhecimento no campo da história, da antropologia, da demografia, da geografia, física, humana e política, sobretudo, dos estudos culturais, da economia de cada região, do desenvolvimento social e político, do aspecto religioso. A seleção de localidades reflete não apenas o interesse linguístico, mas o perfil sócio-histórico das zonas a serem mapeadas e se, por um lado, é um indicador de importância para a visão de língua, por outro, encerra um relevante feixe de correlações sócio-histórico-culturais.

No tocante à seleção de informantes a serem documentados, fez-se necessário um estudo da formação demográfica do Brasil, da constituição da sociedade, dos aspectos sociológicos e antropológicos que marcam a composição da população brasileira, a que se acrescenta um conhecimento da realidade social na qual se inserem os entrevistados. Isso levou a que se buscasse harmonizar diferentes variáveis sociais — como idade, sexo, escolaridade — para que se possa vir a obter uma amostra linguística representativa da realidade do país.

## A DIALETOLOGIA E OS DESAFIOS

Passados cerca de cinquenta anos, a ideia de produzir um atlas linguístico do Brasil foi retomada (i) pela urgência de descrever o português brasileiro antes que se percam dados e fatos capazes de esclarecer aspectos da história linguística do país e (ii) e pelo papel relevante que, no momento, a Dialetoлогия vinha assumindo nos estudos linguísticos.

A determinação do tipo de informante que fornece as amostras de fala para a constituição do *corpus* do Projeto ALiB leva em conta a decisão metodológica de se contemplarem dimensões sociais — diasssexual, diageracional e diastrática —, ao lado da diatópica, afastando-se, portanto, do perfil que Chambers e Trudgill (1994[1980], p. 57) identificam como NORM (*nonmobile, older, ruralmale*) — ou

HARAS (homem, adulto, rurícola, analfabeto e sedentário), na versão sugerida por Zágari (1998) —, inserindo-se na metodologia contemporânea da Geolinguística Pluridimensional.

Desse modo, os informantes, em número de quatro em cada ponto — exceto nas capitais de Estado, onde foram inquiridos oito informantes —, distribuem-se igualmente pelos dois sexos, em cada localidade, perfazendo um total de 550 homens e 550 mulheres, possibilitando a análise da variação diassexual.

Para a apreensão da variação diageracional, os informantes são de duas faixas etárias: uma mais jovem, de 18 a 30 anos, e uma mais velha, de 50 a 65 anos.

Do ponto de vista da variação estrática, incluem-se nas capitais de Estado, informantes de dois níveis de escolaridade: quatro com curso fundamental incompleto — como nas demais localidades — e quatro com de nível de escolarização universitário.

Como é norma em trabalhos de natureza geolinguística, — a não ser naqueles em que se considera a oposição entre diatopia estática e diatopia dinâmica, como no *Atlas lingüístico diatópico y diastrático del Uruguay* — os 1.100 informantes devem ser naturais da localidade e filhos de pessoas naturais da mesma área linguística. Não devem ter se afastado da localidade por períodos muito longos e contínuos e esses períodos de afastamento não podem coincidir com os primeiros anos de vida do indivíduo (fase de aquisição da linguagem), nem com os anos imediatamente anteriores àquele em que se realiza o inquérito.

Com essa fundamentação, o Projeto ALiB oferece, pela própria natureza dos dados que se propõe reunir, uma ampla interface com outros ramos das ciências o que lhe assegura o caráter multi e interdisciplinar, como se procura, a seguir, ilustrar, ainda que não de forma exaustiva.

No que concerne ao tipo de recolha previsto, os dados vão evidenciar diferentes formas de comportamento linguístico correlacionadas ao tipo de discurso. A postura linguística que assume o falante, a depender da natureza da sua elocução, oferece aos estudos no campo da psicologia e da sociologia vasto material de análise para o conhecimento do comportamento humano. As respostas não dadas e as restrições que muitas vezes ficam claras na fala dos informantes, bem como o recurso a metáforas e a circunlóquios, permitem reflexões no campo dos estudos culturais, em geral, que evidenciam tabus existentes, construídos no curso da história e motivados por impulsos diferenciados. O conjunto de dados que um atlas linguístico espelha, na sua amplitude maior, pode (i) mostrar coordenadas seguidas no povoamento do país, desfazendo dúvidas sobre roteiros de penetração ou oferecendo elementos comprobatórios de levas de povoamento fixadas nesses locais ou que por eles transitaram; (ii) assinalar o papel de acidentes geográficos na difusão de hábitos linguísticos — como se pode ver examinando, por exemplo, o papel dos rios — ou no isolamento de fenômenos que se detêm por trás de montanhas ou incrustados em vales; (iii) fornecer elementos específicos para estudos pontuais como no campo da medicina, mostrando nomes de doenças, diagnósticos e curas que estão na sabedoria popular e que afloram em perguntas nessa direção, ou no campo da geologia, com a caracterização e denominações para tipos de terreno, por exemplo, ou ainda na forma de designar

os elementos do mundo biossocial, vasto campo para os psicanalistas. Com a educação, é altamente significativa a relação do Projeto ALiB cujos resultados propiciarão um melhor equacionamento do ensino-aprendizagem à realidade de cada região, uma vez que, descritas as peculiaridades de cada área e caracterizada a variedade de uso da língua ali dominante, pode-se construir um modelo de ensino do vernáculo mais eficaz.

A esses aspectos relacionados, com os quais não se pretendeu esgotar a indicação das possibilidades de interdisciplinaridade do projeto, mister se faz destacar o que advém de um atlas para os estudos linguísticos especificamente nos seus diferentes campos — semântica, lexicologia, sintaxe, morfologia, fonética/fonologia, pragmática, discurso.

A implantação do Projeto ALiB, em 1996, propiciou a discussão da metodologia relativa aos trabalhos de natureza geolinguística e à elaboração de instrumentos de trabalhos adequados às necessidades de coleta de dados empíricos, fatos tão importantes ao desenvolvimento da Geolinguística no Brasil que já se pode interpretar o Projeto ALiB como marco de uma nova fase na Dialectologia Brasileira, a quarta, se se admitem as três fases anteriormente propostas por Cardoso e Ferreira (1994).

Em vista disso, pode-se considerar como uma transferência de tecnologia, na área da pesquisa geolinguística, o aproveitamento das discussões metodológicas ocorridas em reuniões e *workshops* nacionais e regionais, em palestras e em minicursos ministrados pelos pesquisadores que integram a Equipe do Projeto ALiB.

Entre os pontos que podem ser arrolados como de transferência de tecnologia destacam-se:

a) Questionário Linguístico

O Questionário Linguístico do ALiB, pela sua amplitude com relação aos diversos níveis de estudo da língua, tem servido de base para a elaboração de questionários específicos, em pesquisas diversas, para trabalhos de pós-graduação e para a realização de atlas linguísticos regionais.

b) A implementação de atlas regionais, com o conseqüente crescimento de grupos de pesquisa na área dos estudos dialetais, e o aumento do número de trabalhos de pós-graduação sobre aspectos da Dialectologia brasileira.

O Comitê Nacional do Projeto ALiB tem procurado, continuamente, agregar jovens pesquisadores e estudantes de graduação e de pós-graduação à investigação científica.

A titulação obtida por bolsistas, os trabalhos por eles desenvolvidos, assim como a presença no quadro de professores das instituições de ensino superior são dados comprobatórios da ação dos membros do Comitê na formação de jovens pesquisadores.

## UMA AMOSTRA DE ESTUDO DIALETOLÓGICO

Para o confronto pretendido, que ilustrará a amostra de estudo dialetológico, foi considerado um item comum aos dois *corpora*, selecionados, a saber: *rótula* (pertencente ao campo semântico corpo humano). As fontes compreendem um atlas linguístico regional e o *corpus* do Projeto ALiB, sumariamente descritos a seguir.

O *Atlas Prévio dos Falares Baianos*, de autoria de Nelson Rossi e publicado em 1963, constitui-se no primeiro atlas linguístico brasileiro. Documenta a realidade do estado da Bahia a partir do registro de dados de 50 localidades, dentre as quais não se inclui a capital, Salvador, que se distribuem por todas as microrregiões homogêneas. Os dados reúnem a documentação de 100 informantes, analfabetos ou semialfabetizados, pertencentes aos dois sexos, coletados a partir da aplicação de um Extrato de questionário linguístico com 182 perguntas (apesar de a numeração finalizar em 164, pois algumas das perguntas são subdivididas e indexadas em A, B, C e D).

Os resultados do APFB são fornecidos em 209 cartas linguísticas, a maioria delas em transcrição fonética, e se apresentam em preto e branco, coloridas e algumas com ilustrações dos fatos documentados. Fazem-se acompanhar de notas referentes a explicações do informante ou comentários do inquiridor ou do pesquisador no momento da exegese dos dados e elaboração cartográfica. Esse atlas encontra-se esgotado, mas o Setor de Dialectologia da Universidade Federal da Bahia vem empreendendo esforços no sentido de produzir uma edição em DVD.

Os dados da sincronia atual são extraídos do *corpus* do Projeto ALiB, cujos primeiros volumes foram publicados em 2014 (Cf. CARDOSO, et al. 2014a; 2014b) estando o volume 3 em fase de editoração e os volumes 4 e 5, em preparação, todos eles referentes às capitais de estado. Como é do conhecimento da comunidade acadêmica, o *Atlas Linguístico do Brasil* apresenta dados do território brasileiro documentados a partir da realização, *in loco*, de inquéritos linguísticos, em 250 localidades, que se distribuem do Oiapoque ao Chuí, ou seja, do extremo Norte ao extremo Sul, recobrando todas as regiões geográficas. Os dados compreendem cerca de 3.500 horas de gravação e resultam da aplicação dos *Questionários Linguísticos 2001* (cf. Comitê Nacional) direcionados à fonética-fonologia com destaque para aspectos prosódicos, ao léxico, à morfossintaxe, trazendo temas para discursos semidirigidos e questões de pragmática e metalinguística a que se acrescenta a leitura de um texto.

Para as considerações que se apresentam neste artigo, são examinadas todas as respostas documentadas no estado da Bahia — 22 localidades da Bahia, que integram a rede de pontos ALiB —, num total de 96 informantes distribuídos 8 na capital — Salvador — e quatro em cada um dos demais pontos, a partir do que registram os áudios.<sup>3</sup>

Na composição do *corpus*, consideram-se todas as variantes registradas em cada uma das sincronias e armazenadas nas duas fontes, dando destaque ao que há de comum nos dois momentos.

O estudo de cunho semântico-lexical que se desenvolve tem por objetivo o confronto entre duas sincronias do português falado no estado da Bahia, com o intuito de examinar o comportamento do léxico numa dupla perspectiva, a diatópica e a diacrônica. Para tanto, parte-se da apresentação geral de todas as

variantes documentadas para o item selecionado — *rótula* —, a que se seguem (i) a apresentação do que se encontra registrado no *corpus* do APFB, nomeada sincronia 1, e do ALiB, sincronia 2, e (ii) a comparação entre o que vem documentado nas duas sincronias. Conclui-se a análise com o comentário às variantes selecionadas.

## EXAMINANDO A RÓTULA

O “pequeno osso móvel curto e discoide, sito no joelho na parte dianteira da articulação do fêmur com a tíbia” (AULETE, 1958) recebe, nessas duas sincronias consideradas, diferentes denominações.

Duas variantes — *bolacha* e *rótula* — são presentes nas duas sincronias. A Bahia representada nos dados do APFB se mostra produtiva, pois, além dos nomes coincidentes, tem nos seus registros mais oito denominações.

O quadro e o mapa seguintes apresentam outro aspecto dessa distribuição — a realidade geolinguística nas duas sincronias exatamente nos mesmos pontos da rede — e mostram que as coincidências de uso são restritas, no confronto entre as diferentes sincronias.

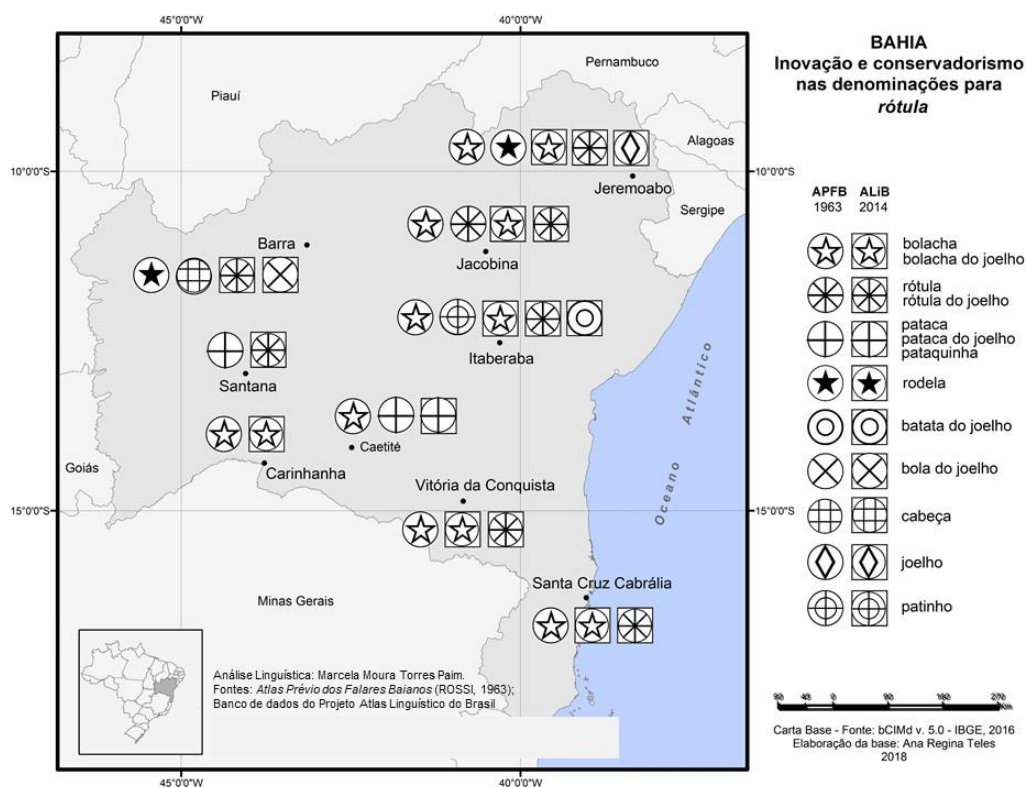
Quadro – *Rótula* na Bahia: registro nos pontos comuns APFB/ALiB

<i>Rótula</i> na Bahia: pontos comuns APFB / ALiB		
Formas registradas	Localidades	Formas registradas
APFB		ALiB
<i>bolacha</i>	Santa Cruz Cabrália	<i>bolacha do joelho, rótula</i>
<i>bolacha, rodela</i>	Jeremoabo	<i>bolacha do joelho, joelho, rótula do joelho, rótula</i>
<i>bolacha</i>	Vitória da Conquista	<i>bolacha, rótula, bolacha do joelho</i>
<i>bolacha, rótula</i>	Jacobina	<i>bolacha do joelho, rótula do joelho</i>
<i>bolacha, patinho</i>	Itaberaba	<i>batata do joelho, bolacha, rótula</i>
<i>bolacha, pataca</i>	Caetité	<i>pataca do joelho</i>
<i>cabeça, rodela</i>	Barra	<i>bola do joelho, rótula do joelho</i>
<i>pataquinha</i>	Santana	<i>rótula</i>
<i>bolacha</i>	Carinhanha	<i>bolacha do joelho, bolacha</i>



Fontes: *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI, 1963);  
Banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil

Mapa – Inovação e conservadorismo nas denominações para *rótula* na Bahia



Fontes: *Atlas Prévio dos Falares Baianos* (ROSSI, 1963);  
Banco de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil

Tomados os mesmos pontos da rede nos dois momentos, verifica-se que, na Bahia, como vem retratado no quadro e no mapa:

(i) *bolacha* figura como presença majoritária nas duas sincronias, registrando-se, simultaneamente, em seis das nove localidades, numa mostra de manutenção da forma;

(ii) *rodela*, que ocorreu em duas localidades, não comparece nos dados do ALiB;

(iii) *rótula*, a forma padrão que aparece apenas uma vez na sincronia 1, na sincronia 2 se faz presente em sete das nove localidades;

(iv) *pataca*, com duas ocorrências no primeiro momento, mantém-se apenas em uma dessas localidades, na sincronia 2;

(v) *patinho*, *cabeça* e *rodela* figuram apenas na sincronia 1.

Considerando a área analisada, chama a atenção o fato de *rótula* aparecer de forma significativa na sincronia 2 o que sugere, por se tratar da forma considerada padrão, ser fruto da ação da escola e resultante, sem dúvida, da extensão do ensino fundamental no território brasileiro, nas últimas décadas.

## BREVES NOTAS SOBRE A NATUREZA DE VARIANTES REGISTRADAS

Algumas considerações sobre a natureza de variantes documentadas completam o quadro apresentado para o estado da Bahia nesses momentos distintos. São apontados aspectos relacionados à motivação nas denominações registradas a que se seguem observações sobre a fraseologia ocorrente de referência a esses itens.

No que diz respeito aos nomes registrados, as variantes *rótula* e *bolacha* destacam-se por se fazerem presentes nas duas sincronias no estado da Bahia. Verifica-se, em ambas, um processo metafórico que tem percursos distintos no tempo.

*Rótula* é a forma tida como do padrão da língua, a mais frequente no repertório do falante urbano. Do latim *rotula, ae*, “roda pequena”, constitui-se numa forma motivada, surgida, por certo, da associação entre essa parte do joelho — reconhecida de constituição arredondada — e o objeto que denomina originariamente. Se esse processo já se deu no próprio latim, onde essa parte do corpo humano era nomeada *patella*, não cabe, para o que se objetiva neste artigo, discutir. O fato, porém, que importa e vale destacar é que também no latim *patella* fica evidenciada a presença de metáfora uma vez que nessa língua o sentido primeiro da palavra é “prato, prato pequeno”, a que se junta o sentido em causa. A forma arredondada, portanto, é o móvel da associação, como também se vê demonstrado em *bolacha*, caso que difere do anterior apenas quanto à natureza do uso: a primeira, *rótula*, de cunho, pode-se dizer, erudito, e a segunda, de caráter popular. *Bolacha* é a denominação, pelo menos no Brasil, para um tipo de biscoito que pode ser redondo ou quadrado.

As denominações para *rótula*, na área considerada, constituem-se num exemplário de formas de cunho metafórico, movidas por diferentes motivações, como a seguir se destaca:

(i) Relação com a posição e/ou movimento/articulação como se vê em *cotovelo*, *tramela*, e, de certo modo, em *tampa*.

(ii) Associação à forma, arredondada, como atestam os registros de: *rodela*, *rodela do joelho*, *bolacha*, *bolacha do joelho*, *bola do joelho*, registros que denotam a preocupação do falante na clareza da denominação quando especifica com um “do joelho”; *pataca*, *pataquinha*, referência à antiga moeda de prata que circulou, no Brasil, de 1695 a 1834, a que se junta *bola e batata*, de relação altamente transparente.

Entre as variantes documentadas, vale salientar a existência de casos fraseológicos entendidos como um processo que caracteriza as línguas vivas pelas

quais as combinações sintagmáticas perdem totalmente ou parcialmente sua liberdade combinatória para ter um funcionamento e uma significação globais (Cf. MEJRI, 2011, p. 195), como, por exemplo, em *bola do joelho* ou *batata do joelho* (de referência ao osso redondo que fica na frente do joelho).

Para Mejri (2011), a Fraseologia é um fenômeno linguístico que abrange vários processos de solidariedade sintagmática, como a fixação que se refere a um processo pelo qual a língua se utiliza de unidades sintagmáticas cujos componentes formam um bloco e cuja sintaxe interna está em desacordo com a da frase livre correspondente. É uma formação polilexical mais ou menos fixa que corresponde quer ao emprego apropriado das palavras, quer a uma denominação fixa, cuja utilização continua em todos os casos da idiomatidade de uma dada língua, sendo um segmento linguístico idiomático (com expressões, formas de frases próprias, formas específicas de dizer, maneiras de expressar que se opõem à de outras línguas), cultural (com traços históricos, afetivos e mitológicos da comunidade que compartilha o mesmo idioma) e estilístico (com tipos de discurso, diferentes dialetos, tecnoletos), como ilustram ocorrências como *rótula do joelho*, *pataca do joelho*.

Como expõe Mejri (2011, p. 196), os fraseologismos incluem todas as sequências fixas e as colocações que garantem as funções de denominação e de categorização lexicais. Com esse entendimento, consideramos que fazem parte da fraseologia as lexias complexas, formadas por mais de uma unidade lexical – o que caracteriza o termo “polilexicalidade” (MEJRI, 1997, p. 15), isto é, combinações fixas de significado único cujo sentido geral não é literal, utilizada pelos falantes em situações comunicativas específicas e cujo sentido do todo não resulta da soma do sentido das partes, como se ilustra com *bolacha do joelho*, entre outras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões apresentadas visaram apresentar um pouco da história da Dialetoologia no Brasil, ressaltando o que tem sido feito nesse ramo dos estudos linguísticos e examinando uma amostra do léxico do português brasileiro numa perspectiva diacrônica.

No momento atual, a Dialetoologia traz contribuição importante para reflexão sobre a variação da língua portuguesa. Nesse sentido, os dados considerados neste trabalho trazem a amostra da realidade linguística, no tocante às denominações para *rótula*, na Bahia — e em duas sincronias — segunda metade do século XX e primeiras décadas do século XXI.

A análise realizada permite algumas considerações de caráter conclusivo que envolvem a distribuição diatópica e o aspecto diacrônico, pois verifica-se que, na Bahia, para o item estudado, houve a manutenção, nas duas sincronias estudadas, das formas *bolacha*, *rótula* e *pataca*. Já os itens *rodela*, *patinho* e *cabeça* figuram apenas na sincronia 1 nas localidades do estado estudado.

## Notas

<sup>1</sup> Após 1996, ano em que marca a retomada do Projeto de realização do atlas linguístico de âmbito nacional, os seguintes atlas linguísticos foram publicados no Brasil até o momento: o *Atlas lingüístico-etnográfico da região Sul do Brasil* (2002), o *Atlas lingüístico sonoro do Pará* (2004), o *Atlas lingüístico de Sergipe II* (2005), o *Atlas lingüístico do Mato Grosso do Sul* (2008), o *Atlas lingüístico do Estado do Ceará* (2010) e o *Atlas lingüístico do Amapá* (2017).

<sup>2</sup> Atualmente, a coordenação do Projeto ALiB está sob a responsabilidade de um Comitê Nacional, constituído de 13 (treze) membros assim estruturado: Diretora Presidente – Jacyra Andrade Mota (Universidade Federal da Bahia), Diretora Executiva – Silvana Soares Costa Ribeiro (Universidade Federal da Bahia), Diretores Científicos: Abdelhak Razky (Universidade Federal do Pará); Aparecida Negri Isquerdo (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul); Conceição Maria de Araújo (Universidade Federal do Maranhão); Fabiane Cristina Altino (Universidade Estadual de Londrina); Felício Wessling Margotti (Universidade Federal de Santa Catarina); Marcela Moura Torres Paim (Universidade Federal da Bahia); Maria do Socorro Silva de Aragão (Universidade Federal da Paraíba/Federal do Ceará); Marilúcia Barros de Oliveira (Universidade Federal do Pará); Regiane Coelho Pereira Reis (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul); Valter Romano (Universidade Federal de Lavras) e Vanderci de Andrade Aguilera (Universidade Estadual de Londrina).

<sup>3</sup> O volume de dados publicado traz os resultados das capitais de estado. Para este trabalho, recorreu-se diretamente ao *corpus* documentado, ainda não publicado, mas em fase de análise com vistas à produção dos volumes em andamento.

---

## Referências

---

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. **Atlas Lingüístico do Paraná**. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado, 1994. 2 v.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; MENEZES, Cleuza Bezerra de (Orgs.). **Atlas Lingüístico da Paraíba**. Brasília: UFPB; CNPq, Coordenação Editorial, 1984.
- AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Delta, 1958.
- BESSA, José Rogério Fontenelle (Org.). ALECE - **Atlas Lingüístico do Estado do Ceará**. Fortaleza: Editora UFC, 2010.
- CARDOSO, Suzana; FERREIRA, Carlota. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. **Atlas Lingüístico de Sergipe II**. Salvador: EDUFBA, 2005.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. **Geolinguística: tradição e modernidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CARDOSO, Suzana. et al. **Atlas Linguístico do Brasil**. Londrina: Eduel, 2014a. v. 1.
- CARDOSO, Suzana. et al. **Atlas Linguístico do Brasil**. Londrina: Eduel, 2014b. v. 2.
- CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, Peter. **La Dialectología**. Tradução de Carmen Morán González. Madrid: Visor Libros, 1994. [**Dialectology**. Cambridge, University Press, s.d].

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. **Atlas Lingüístico do Brasil**. Questionários 2001. Londrina: EDUEL, 2001.

BRASIL. Decreto n.º 30.643, de 20 de março de 1952. Institui o Centro de Pesquisas da Casa de Rui Barbosa e dispõe sobre seu funcionamento.

FERREIRA, Carlota; FREITAS, Judith; MOTA, Jacyra; ANDRADE, Nadja; CARDOSO, Suzana; ROLLEMBERG, Vera; ROSSI, Nelson. **Atlas Lingüístico de Sergipe**. Salvador: Universidade Federal da Bahia; Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário; ALTENHOFEN, Cléo. **Atlas Lingüístico-Etnográfico da região Sul do Brasil**. V. I e II. Porto Alegre/Florianópolis/Curitiba: Editora da UFRGS/Editora da EFSC/Editora da UFPR, 2002.

MEJRI, Salah. **Le figement lexical**: descriptions linguistiques et structuration sémantique. Manouba : Publications de la Faculté des Lettres de la Manouba, 1997.

MEJRI, Salah. Possibles de langues, possibles de discours: entre (dé)figement et traduction. In: HUERTA, Pedro Mogorrón; MEJRI, Salah. **Figement, traduction, variation, défigement**. Alicante : Alicante, 2011. p.187-202.

OLIVEIRA, Dercir Pedro de (Org.). ALMS - **Atlas Lingüístico de Mato Grosso do Sul**. 1. ed. Campo Grande: Editora UFMS, 2007. 271 p.

RAZKY, Abdelhak (Org.) **Atlas Lingüístico Sonoro do Pará**. Belém: PA/CAPES/UTM, 2004. CDRoom.

RAZKY, Abdelhak; RIBEIRO, Celeste; SANCHES, Romário (Orgs). **Atlas Linguístico do Amapá**. São Paulo: Labrador, 2017.

RIBEIRO, José; ZÁGARI, Mário Roberto Lobuglio; PASSINI, José; GAIO, Antônio Pereira. **Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais**. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura; Casa de Rui Barbosa; Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977.

ROSSI, Nelson; FERREIRA, Carlota; ISENSEE, Dinah. **Atlas Prévio dos Falares Baianos**. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura; Instituto Nacional do Livro, 1963.

THUN, Harald; ELIZAINCÍN, Adolfo. **Atlas Lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay (ADDU)**. Kiel: Westensee, 2000.

ZÁGARI, Mário Roberto. Os falares mineiros: esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (Org.). **A geolinguística no Brasil**: caminhos e perspectivas. Londrina: EDUEL, 1998. p. 31-77.

---

## Para citar este artigo

---

PAIM, M. M. T. O léxico na Bahia e a variação no tempo. **MACABÉA – REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI**, CRATO, V. 8., N. 2., 2019, p. 338-351.

---

## A Autora

---

**Marcela Moura Torres Paim** é doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia (2007). Realizou Estágio Pós-Doutoral na Universidade Estadual de Feira de Santana. Possui graduação em Letras pela Universidade Federal de Pernambuco (2001) e mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia (2005).